

## **Conquistas, desafios e desigualdades: A trajetória das mulheres na docência em jornalismo nas instituições federais do nordeste brasileiro<sup>1</sup>**

Ana Gabriela Fonseca<sup>2</sup>

Thaís Bueno<sup>3</sup>

Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, MA

### **RESUMO**

Esta pesquisa olha para a produção acadêmica da mulher pesquisadora, tendo como recorte docentes integrantes dos programas de pós-graduação *stricto sensu* no Nordeste. Deste modo buscou-se levantar o perfil e a quantidade de artigos publicados nos últimos três anos e meio pelos docentes e registrados no currículo Lattes de cada um. Os dados são analisados e discutidos com autores como Lino e Mayorga (2016) que discutem a ausência ou invisibilidade da participação da mulher na ciência. Através do levantamento, foi possível perceber que as mulheres produzem mais, ainda que a literatura e outros estudos demonstrem que são silenciadas no ambiente acadêmico, além de sofrerem com o machismo e a estereotipação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Docência; Produção Científica; Pós-Graduação; Nordeste; Universidade.

### **1. INTRODUÇÃO, METODOLOGIA E RESULTADOS**

A proposta dessa pesquisa é fazer um levantamento sobre o número de produções das mulheres pesquisadoras e docentes nas universidades federais no Nordeste. O estudo, que é desenvolvido com bolsa de Iniciação Científica, integra o projeto "Assédio a professoras no ensino superior: um estudo sobre a realidade nos programas de pós-graduação no Nordeste", vinculado ao curso de graduação e pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) em Imperatriz, financiado pelo Edital Universal do CNPq (CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021).

A pesquisa possui um recorte específico voltado ao número de produções científicas escritas por docentes, homens e mulheres, durante o período de janeiro de 2020 a julho de 2023, nos nove estados nordestinos. Foi realizado um levantamento descritivo manualmente nos currículos lattes de cada docente e é focado em docentes integrantes dos programas de pós-graduação *strictu sensus* no Nordeste.

Atualmente, dos nove estados, apenas Alagoas não oferece cursos de pós-graduação neste nível. Os oito demais, juntos, nas universidades federais, somam 11 programas – Sergipe (1), Piauí (1), Rio Grande do Norte (1), Pernambuco (1), Bahia (2), Maranhão (2), Paraíba (2) e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos de/em Comunicação, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

<sup>2</sup> Estudante do quinto período de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, Campus Imperatriz. Email: ana.ggfs@discente.ufma.br.

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora da Universidade Federal do Maranhão - UFMA/Imperatriz, e-mail: thaís.bueno@ufma.br.

Ceará (1). O estudo consiste num panorama descritivo com a catalogação dos artigos produzidos por cada professor. Na plataforma do CNPq, foi possível visualizar um número maior de mulheres no ambiente acadêmico, com mais cargos de liderança e trabalhos científicos, enfatizando sua eficiência e qualidade no trabalho acadêmico. Como base para o presente trabalho, foi disponibilizado um questionário, por meio de um formulário da *Google Forms* direcionado a professoras dos programas de Pós-Graduação em Comunicação do Nordeste. Ele alcançou 37 professoras, dos 9 estados nordestinos. Sendo o principal intuito obter informações quantitativas sobre a realidade dessas docentes.

Além disso, recorreremos à pesquisa bibliográfica para dialogar com os dados. Para Sousa, Oliveira e Alves (2021), é primordial na construção da pesquisa científica, visto que permite conhecer melhor o fenômeno em estudo, utilizando livros, artigos e produções publicadas. Com isso, abordamos o que Lino e Mayorga (2016) chamam de ausência ou invisibilidade da participação da mulher nas ciências, em que sua eficácia era vista apenas no âmbito doméstico, e ao chegar na academia eram invisibilizadas. Desse modo, mesmo com muitas pesquisas realizadas pelas professoras universitárias, ainda não possuem a notoriedade que merecem.

Serão discutidos também os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que ressalta o trabalho doméstico como desigual no país, onde as mulheres além de trabalharem fora, ainda são principais responsáveis pela casa e filhos. Assim, enfatizando o que as autoras acima expressam em relação ao trabalho doméstico e a jornada de trabalho e se torna dupla para as professoras, que precisa desenvolver pesquisas e gerenciar o lar. Dessa forma, o trabalho possui uma busca aprofundada no acervo de artigos produzidos pelos professores, para fomentar um debate mais amplo sobre a produção acadêmica e enfatizar as dificuldades sofridas pelas mulheres para produzirem pesquisas, citadas nos dados bibliográficos. Além disso, mostra a luta da mulher para enfrentar o machismo e sua força, principalmente no âmbito da pesquisa. O Nordeste possui 11 universidades federais com programas de pós-graduação em Comunicação, que possuem, no total, 67 (54,03%) professoras e 57 (45,97%) professores. Em sua maioria, as mulheres produzem mais, com 618 artigos produzidos nos últimos anos, enquanto os homens realizaram 583 pesquisas no mesmo período.

De acordo com Tabak (2002, p.49), “(...) as mulheres têm caminhado e avançado na ocupação de espaços do mundo público, antes quase que exclusivos dos homens, a exemplo dos espaços acadêmicos”. Evidenciando que esses desafios têm conduzido pesquisadoras a adotarem "posições de sujeitos" que refletem uma "pluralidade de identidades". Essas identidades, citadas por Hall (2006), podem manifestar contradições internas, uma vez que

essas mulheres são afetadas por sua condição de gênero e geração, além de serem influenciadas por sua classe social e raça. Somado a isso, através do questionário foi possível encontrar mais professoras brancas no ambiente acadêmico. 64,86% das professoras se declaram brancas, 29,72% consideram-se pardas, 2,7% identificam-se pretas e 2,7% não informaram a etnia. Enfatizando assim, a desigualdade no número de mulheres brancas e pretas/pardas nesse ambiente de docência acadêmica.

A partir da visão de Hall (2006), pode-se dizer que a “pluralidade de identidade” diz respeito não apenas às múltiplas tarefas exercidas pela mulher, mas também afeta os papéis sociais determinados para o gênero e raça.

Em essência, [...] a chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2006, p.10)

Assim, no contexto da docência, as mulheres frequentemente se encontram em meio a uma “confusão” de papéis e individualidades, equilibrando suas vidas profissionais e pessoais, enquanto enfrentam desafios específicos relacionados ao seu gênero. Essa dinâmica de múltiplas identidades é uma parte essencial da experiência das mulheres na docência e destaca que a busca pela igualdade de gênero no meio acadêmico está intrinsecamente ligada a questões mais amplas de justiça social e equidade. A partir dos dados dos questionários foi possível perceber que a maioria das entrevistadas do projeto são solteiras, refletindo em 48,6%. Já as casadas e em união estável contabilizam 43,2%. Outras três mulheres optaram por não responder. Esses dados refletem uma realidade de mulheres que escolhem permanecer solteiras, seja por não quererem uma dupla jornada - trabalhando em casa e na docência - ou outras nuances.

Em relação ao quesito filhos, 43,2% das professoras que responderam o formulário não responderam quando perguntadas sobre possuir filhos ou não. 29,7% possui dois filhos, 16,2% com um filho, 5,4% têm três filhos e a mesma porcentagem para quatro filhos. Isso reflete significativamente na relação produção científica *versus* maternidade, onde a mulher precisa lidar com tensão na carreira acadêmica e em sua vida familiar. Sobre isso, Protetti e Souza (2023) enfatizam que a mulher lida com pressões tanto no trabalho assalariado quanto em seu trabalho doméstico, lidando com questões familiares e maternas. Consequentemente, a relação de produção científica está ligada a forma que a mulher lida com esses estresses e sobrecarga, e como mostra os dados acima, a mulher ainda produz mais, mesmo sofrendo com a falta de reconhecimento.

Ainda sobre a busca no acervo do CNPq, foi possível visualizar que nas coordenações as mulheres são maioria, onde 72,73% dos cargos de coordenação são ocupados por mulheres, ou seja, oito professoras mulheres são coordenadoras desses programas. Já as coordenações dirigidas por homens são apenas 3, representando 27,27%. De acordo com Santos e Diógenes (2019), quando as mulheres lideram ambientes de trabalho a comunicação é mais aberta, as pessoas são encorajadas, o ambiente se torna mais criativo e desse modo aumenta a competência interpessoal. A presença feminina nas coordenações das universidades demonstra a importância da equidade de gênero no ambiente acadêmico. Porém, embora os números no nordeste sejam favoráveis para esse marco, é perceptível que se trata de uma transformação lenta no ambiente acadêmico.

Para Alves (2016, p.03), “embora as desigualdades tenham diminuído ao longo das últimas décadas, o ritmo de redução do hiato de gênero tem sido muito lento ou até ficado estagnado”. Essa estagnação do hiato de gênero pode ser atribuída a diversos fatores complexos, incluindo costumes arraigados, estruturas das instituições que mantêm essas desigualdades, obstáculos na carreira e lacunas de remuneração. Ainda sobre o machismo, de acordo com as entrevistadas da pesquisa, 73% enfatizam o ambiente de trabalho como machista. 21,6% não possui tanta certeza e talvez o ambiente seja machista. E apenas 5,4% relatam que o machismo não faz parte do local de trabalho. Atrelado a isso, Guilherme *et al.* (2023, p. 21) sugere que “(...) há uma certa naturalização ou normalização de certos processos de violência contra as mulheres, através de piadas, exclusão e falta de reconhecimento”. Assim, chacotas e “brincadeiras” podem passar despercebidas por se tornarem “rotineiras” no ambiente de trabalho.

## **2. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os dados da pesquisa mostram que as mulheres produzem mais, aproximadamente 53,45% dos artigos realizados no período indicado. Além de serem maioria nas coordenações, ocupando oito dos 11 cargos de coordenação. Desse modo, é de suma importância analisar esse panorama da docência para entender de fato porque ainda existe essa invisibilidade das mulheres na pesquisa e na coordenação e as trajetórias da mulher que fazem sua jornada científica mais difícil e sobrecarregada. Também foi possível perceber que essas professoras sofrem machismo e que algumas não conseguem identificar essa violência, seja por meio de piadas ou exclusões. Com isso, é nítido a importância da mulher na docência e na pesquisa científica e que suas trajetórias e conquistas não podem ser invisibilizadas. É necessário acabar com o ciclo vicioso em que as mulheres não podem ser protagonistas no ambiente acadêmico.

É preciso ressaltar também, que elas fazem parte da história do jornalismo nordestino, não apenas no ensino e coordenação, mas também na produção científica.

### 3. REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Ana e Sardenberg, Cecilia. **Feminismo, ciência e tecnologia**. Editora Redor, 2002, p. 49. Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/feminismociencia.pdf>. Acesso em: 29 de outubro de 2023.

ALVES, José. Desafios da equidade de gênero no século XXI. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 2016, p. 03. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/rkcC3bGTROv5Lz59HJy6HRG/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 23 de outubro de 2023.

GUILHERME, Alexandre; Costa, Joacir; Alves, Camila e Santos, Cristiane. Expressões do machismo entre universitários de uma instituição do Sul do Brasil. **Revista da Avaliação da Educação Superior**. 2023, p. 21. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/8ZCV8ZgQ9Ombg6DvDNd8WzM/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 16 de março de 2024.

HALL, Stuart. **A identidade em questão**. 2006, p. 06. Disponível em: [https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/38779352/HALL - A IDENTIDADE EM QUESTA%C6%92O-libre.pdf?1442353213=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DA\\_IDENTIDADE\\_EM\\_QUESTAO.pdf&Expires=1698614869&Signature=DbLBkBKcigZOomIkRMsMMeH86jEB2LQJtI9ONJ~mGU1FNKDgeB6K~0IJ3uj5Vv~J75DYZwrgD55QP5ATTf5pnZlhZ1EEEdZUIYFtHJq9Xf6dcak oKXIyDk42es-Baa7BvcNatf4LTSQAU-5uVuD2FwGfxkJvIys0RbS8yyerxO6rPHxro6aoJOFIPcVJ18MdU7Pc2WQV16TRW0-mudJ6DSaouY6v7ixX~TbNtd98KkH4FUbkRwDBg7TqltI9Y0DrxFJRqT87HrwWG2kNYPxAFXzluGhntFtOPIW4pNjQDp-YDdw62lyGXXrLQ44-8qTak0jhsnUQh0BTATMgsQP4M cw\\_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/38779352/HALL - A IDENTIDADE EM QUESTA%C6%92O-libre.pdf?1442353213=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DA_IDENTIDADE_EM_QUESTAO.pdf&Expires=1698614869&Signature=DbLBkBKcigZOomIkRMsMMeH86jEB2LQJtI9ONJ~mGU1FNKDgeB6K~0IJ3uj5Vv~J75DYZwrgD55QP5ATTf5pnZlhZ1EEEdZUIYFtHJq9Xf6dcak oKXIyDk42es-Baa7BvcNatf4LTSQAU-5uVuD2FwGfxkJvIys0RbS8yyerxO6rPHxro6aoJOFIPcVJ18MdU7Pc2WQV16TRW0-mudJ6DSaouY6v7ixX~TbNtd98KkH4FUbkRwDBg7TqltI9Y0DrxFJRqT87HrwWG2kNYPxAFXzluGhntFtOPIW4pNjQDp-YDdw62lyGXXrLQ44-8qTak0jhsnUQh0BTATMgsQP4M cw_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA). Acesso em 29 de outubro de 2023.

IBGE. Em 2022, mulheres dedicaram 9,6 horas por semana a mais do que os homens aos afazeres domésticos ou ao cuidado de pessoas. **Agência IBGE Notícias**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37621-em-2022-mulheres-dedicaram-9-6-horas-por-semana-a-mais-do-que-os-homens-aos-afazeres-domesticos-ou-ao-cuidado-de-pessoas#:~:text=Enquanto%2091%2C3%25%20das%20mulheres.entre%20os%20homens%20em%202022>. Acesso em: 26 de setembro de 2023.

LINO, Tayane e Mayorga, Cláudia. As mulheres como sujeitos da Ciência: uma análise da participação das mulheres na Ciência Moderna. **Saúde & Transformação Social**. Florianópolis, 2016, 10p. Disponível em <https://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/saudeetransformacao/article/view/4239/4651>. Acesso em: 08 de setembro de 2023.

PROTETTI, Fernando e Souza, Aparecida. Na universidade brasileira, a maternidade rima com produtividade científica? **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, 2023, p. 10. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/view/1892>. Acesso em 16 de março de 2024.

SANTOS, Nicole e Diógenes, Carla. Liderança feminina: um estudo pragmático das dificuldades de mulheres em cargos de liderança. **UniAraguaia**, 2019, p. 15. Disponível em: <https://sipe.uniaraгуаia.edu.br/index.php/REVISTAUNIARAGUAIA/article/view/900/Vol14-2-art-8> - Acesso em: 23 de outubro de 2023.



INTERCOM

Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste - Natal/RN - 08 a 10/05/2024

SOUSA, Angélica; Oliveira, Guilherme e Alves, Laís. **A pesquisa bibliográfica**: princípios e fundamentos. Monte Carmelo, 2021, p.65. Disponível em:

<https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>. Acesso em 29 de outubro de 2023.